

Agricultura pré-histórica no Nordeste

Ao invés do que se pensava, a região semi-árida foi ocupada por grupos de agricultores pré-históricos.

O Nordeste do Brasil foi ocupado por grupos humanos em épocas anteriores a sua descoberta pelos portugueses, em 1500. Alguns milhares de anos antes de Cristo grupos pré-históricos habitaram a região deixando seus vestígios que são recuperados através de escavações arqueológicas. Muitos desses vestígios são encontrados na superfície por agricultores, em seus trabalhos quotidianos, ou por caçadores que habitualmente percorrem grandes distâncias. Este material encontra-se diretamente relacionado com o desenvolvimento económico dos grupos que os produzia. Um grupo de caçadores nômades possui um material menos elaborado que um grupo de agricultores semi-sedentários. Na maioria das vezes, o material oriundo de um grupo de caçadores passa despercebido a um não especialista, o mesmo não ocorrendo com o material de um grupo de agricultores pré-históricos. Enquanto que os primeiros tallhavam a pedra os últimos davam polimento. É comum, na zona interiorana, machados de pedra confeccionados por grupos de agricultores pré-históricos serem confundidos com pedras de corisco, sobre as quais são desenvolvidas interessantes histórias. Algumas vezes até lhes são atribuídas propriedades mágicas e utilizados sobre a forma de chá. Fato análogo ocorre com sepultamentos ou vasos de cerâmica que são confundidos com "botijas".

A arqueologia moderna não está apenas preocupada com a descoberta de peças interessantes. O conjunto destas peças e sobretudo outras informações que são obtidas no local onde as mesmas são encontradas, são de grande importância para a reconstituição histórica destes grupos. Técnicas modernas permitem, ao arqueólogo, reconhecer o tipo de habitação, o tipo de cultivo e as plantas cultivadas, o estado nutricional dos componentes do grupo, a organização social incluindo formas de casamento, doenças carenciais ou endêmicas, idade média dos componentes do grupo além da idade individual e o período em que habitaram a região. Destas informações, obtidas após o desenvolvimento de pesquisas de campo e de laboratório, muitas conclusões podem ser utili-

zadas nos dias atuais. Inúmeras áreas do conhecimento científico têm se beneficiado com os resultados de pesquisas arqueológicas. Estas pesquisas têm contribuído sobretudo no campo da botânica, zoologia, estratigrafia, paleopatologia, nutrição, geologia marinha, genética vegetal, geomorfologia, palinologia, dentre outras. Inúmeros artigos propondo uma nova filosofia para a utilização do semi-árido, publicados por AGRESTE, são frutos destas pesquisas nas quais o passado interrelaciona-se com o presente.

O Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco tem desenvolvido inúmeras pesquisas neste campo, tendo já escavado e prospectado em grande parte dos municípios do nordeste, particularmente no Estado de Pernambuco. No momento as pesquisas encontram-se voltadas para o estudo de grupos de agricultores pré-históricos que habitaram no Nordeste, particularmente em sua porção semi-árida. Estas pesquisas têm trazido um grande número de informações, algumas das quais, inclusive, alterando o conhecimento que se dispunha sobre o assunto. Atualmente o município de Arripina tem sido o centro de atenção da equipe do Laboratório de Arqueologia, que escavou inúmeras aldeias pré-históricas pertencentes a grupos de agricultores, que se supunha anteriormente não terem habitado a região. Estas descobertas são de grande importância científica pois vêm alterar inclusive um modelo internacional desenvolvido para explicar a ocupação do território brasileiro por grupos de agricultores pré-históricos. Acreditava-se que



estes grupos tenham habitado apenas a zona da mata, outrora descoberta pela floresta tropical. Estas pesquisas tem demonstrado que, ao invés do que se pensava, a região semi-árida foi ocupada por grupos de agricultores pré-históricos. Observou-se ainda que estes grupos não apenas conseguiram sobreviver na região, até pelo contrário, chegaram através de uma tecnologia adequada a implantarem aldeias com uma densidade demográfica superior a normalmente encontrada na zona da mata. Desenvolveram uma tecnologia voltada para o aproveitamento da mandioca, seu produto básico, que era consumida de variadas formas. Como consequência desta tecnologia encontra-se ainda nos dias atuais a perpetuação de inúmeros processos de eliminação dos elementos tóxicos da mandioca como ainda a utilização das variedades não tóxicas.

A colaboração da população rural bem como das autoridades municipais é de suma importância para o desenvolvimento destas pesquisas. O simples contato com o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco transmitindo informações de ocorrências arqueológicas como concentrações de fragmentos de cerâmica, machados de pedra (pedras de corisco), sepultamentos ou urnas funerárias em cerâmica facilitará o trabalho da equipe e contribuirá para o maior conhecimento da pré-história nordestina.

Marcos Albuquerque, 43, escreve sempre para AGRESTE. É professor e arqueólogo da UFPE. Suas pesquisas são financiadas pelo Conselho Nacional de Pesquisas, CNPq e UFPE.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico – Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Agricultura pré-histórica no Nordeste. **Agreste**, Recife, n. 7, p. 25, out./nov. 1985.